



CRISE DE FÉ E O ANTICRISTIANISMO DO MUNDO MODERNO: UMA PERSPECTIVA HISTÓRICA A PARTIR DA CRISTANDADE

CRISIS OF FAITH AND ANTICHRISTIANISM IN THE MODERN WORLD:
A HISTORICAL PERSPECTIVE FROM CHRISTENDOM

Emerson Montenegro Lima*

Resumen: O objetivo deste artigo é apresentar o contexto histórico da crise de fé que se abateu sobre o chamado mundo moderno, a partir de uma crescente mentalidade anticristã que se formou ao longo dos últimos séculos na civilização ocidental. O presente estudo se vale de uma pesquisa bibliográfica sobre os aspectos fundamentais que forjaram e formaram a civilização cristã, notadamente na chamada Idade Média, em que analisaram-se os acontecimentos históricos que foram se desenvolvendo e que conduziram de forma estrategicamente pensada à destruição de toda uma cultura teocêntrica e cristocêntrica, em vista da criação de uma nova cultura, de uma nova civilização, baseada, estruturada e centralizada no homem.

Palabras clave: Crise de fé. Cristandade. Mundo moderno.

Abstract: The aim of this article is to present the historical context of the crisis of faith that has struck the so-called modern world, based on a growing anti-Christian mentality that has formed over the last few centuries in Western civilization. This study makes use of bibliographical research into the fundamental aspects that forged and formed Christian civilization, particularly in the so-called Middle Ages,

* Especialista em Teologia da História pela Faculdade Focus de Cascavel/PR, Especialista em Gestão Empresarial e Desenvolvimento Territorial pela Universidade Federal do Tocantins e Graduado em Administração de Empresas pela Universidade Federal da Paraíba. E-mail: emerson.lima@ifto.edu.br

in which we analyze the historical events that were developing and that led in a strategically thought-out way to the destruction of an entire theocentric and Christocentric culture, in view of the creation of a new culture, a new civilization, based, structured and centered on man.

Keywords: Crisis of faith. Christianity. Modern world.

Introdução

A situação histórica em que vive o homem moderno apresenta-se de forma acentuada em um cenário de “luzes e trevas”, termo utilizado pelo Papa João Paulo II no qual o mesmo observa que o tão buscado e desejado progresso científico e tecnológico — iniciado com o acontecimento histórico da Revolução Industrial — conduziu a humanidade a um paradoxo de alcançar um alto grau de evolução material, ao mesmo tempo em que atingiu um enorme grau de esvaziamento cultural, moral e de fé.

Para tanto, o presente trabalho tem por objetivo fazer uma contextualização histórica a partir da chamada Cristandade ou Idade Média, sobre os principais aspectos que permearam e conduziram a humanidade a este estado cultural, tão alarmante, de crise de fé e de anticristianismo na Era Moderna. Isso, partindo não só da apresentação pura e simples desses aspectos, mas, sobretudo, provocando uma reflexão acerca das consequências que essa realidade histórica tem gerado no contexto da cosmovisão do mundo moderno.

Dessa forma, este trabalho pretende responder à seguinte problemática: quais os fatores históricos que levaram a civilização do mundo moderno à crise de fé e ao anticristianismo? A hipótese é a de que um conjunto de fenômenos históricos, deflagrados a partir da Idade Média, foram decisivos para minar e

desconstruir toda uma mentalidade teocêntrica e cristocêntrica, introduzindo uma nova forma de pensar, uma nova cultura, uma cosmovisão antropocêntrica que forjaram a civilização moderna.

Segundo o Papa João Paulo II (1994), não se pode negar que estejamos vivendo uma época de grande crise, que se configura sobretudo como profunda crise da verdade. Nessa perspectiva, Pinheiro (2021) considera que a crise moral na contemporaneidade está intrinsecamente ligada à crise cultural, que resulta no esvaziamento do horizonte de significados simbólicos, os quais costumavam guiar o indivíduo em sua compreensão da sociedade e do tempo.

Ademais, de acordo com Sarah (2016), o mundo moderno negou a Cristo. O homem contemporâneo nutre um medo de Deus, evitando ou negando-se a se fazer seu discípulo. Por sua vez, Ratzinger (2005) afirma:

[...] ter uma fé clara, segundo o Credo da Igreja, muitas vezes é classificado como fundamentalismo. Enquanto o relativismo, isto é, deixar-se levar “aqui e além por qualquer vento de doutrina”, aparece como a única atitude à altura dos tempos hodiernos. Vai se constituindo uma ditadura do relativismo que nada conhece como definitivo e que deixa como última medida apenas o próprio eu e as suas vontades (Ratzinger, 2005, p. 02).

Além desta introdução, a estrutura deste artigo apresenta uma seção que faz uma breve contextualização conceitual sobre a Cristandade e sua cosmovisão, discorrendo sobre o seu papel no processo de desenvolvimento cultural da humanidade. Em seguida, expõe uma breve reflexão conceitual acerca dos fenômenos históricos ou das Ideologias do Mal, como são chamadas por João Paulo II, as quais surgiram durante o período de transição para a Idade Moderna moldando a nova mentalidade e a nova cosmovisão de mundo. Ao final, são

apresentadas algumas reflexões e considerações acerca do assunto tratado ao longo do texto.

Para efeito de construção e elaboração do artigo, foi utilizada como metodologia a pesquisa bibliográfica e documental, a partir da consulta de livros e outros documentos.

2 Fundamentação teórica

2.1 A idade média: conceito e características da cristandade medieval

A civilização do mundo moderno vive uma gravíssima crise de fé. Não se sabe mais o que é o Bem ou o Mal. O homem moderno decidiu viver como se Deus não existisse, marginalizando, ocultando, excluindo da vida temporal, como o amor na dimensão da cruz, o sentido salvífico do sofrimento, o senhorio de Cristo na vida, a realidade ontológica de pecado do homem, dentre outros, os quais forjaram a civilização ocidental.

Muitas são as razões, os fenômenos e acontecimentos históricos que conduziram o homem a tomar esta decisão e assumir esta atitude temerária: viver como se Deus não existisse. Para uma melhor compreensão dessas razões, faz-se necessário um recorte histórico da chamada Idade Média, a fim de traçarmos e apresentarmos um panorama de um período da história diametralmente oposto aos tempos hodiernos.

Segundo Sáenz (2020), de imediato, a própria denominação “Idade Média” não tem sentido algum. Tomada em sua acepção etimológica, diz o autor, supõe uma divisão tripartida do tempo. Seria uma Idade “intermediária” entre duas

outras Idades, uma passada — a Antiguidade clássica — e outra futura, a Modernidade. Desta forma, que época não é um intervalo entre aquela que a antecede e a que a sucede? Para tanto, afirma Sáenz:

Há nesse modelo uma categorização muito determinada, de influência hegeliana, segundo parece insinuar uma divisão tripartida da história, como que julgando de antemão não haver jamais outros períodos no processo histórico. A Idade Média resulta assim em uma idade-vítima, entre outras idades, em uma posição de evidente inferioridade; ela incluiria vários séculos de trevas depois dos séculos de luz que foram os da antiguidade clássica, e antes dos séculos de plenitude que são os modernos, em contínuo progresso rumo a uma consumação intra-histórica¹ (Sáenz, 2020, p. 24).

Ainda de acordo com o teólogo, a denominação “Média”, para designar a época da Cristandade, não é ingênua, nem inocente. O autor afirma que o qualificativo para essa denominação foi imposto pelos humanistas do Renascimento², que consideraram essa época como um lapso de mera transição entre dois períodos de glória. Deste modo, ele observa que:

[...] A própria denominação de “gótico”, que empregaram para caracterizar um dos tipos de construção medieval, apenas confirma esse menosprezo. As catedrais do período de ouro medieval foram chamadas “góticas”, coisas de selvagens, de godos, de bárbaros. Bem assinala Daniel Rops (1901-1965) que, como muitos desses humanistas eram “protestantes” ou “protestantizantes”, os preconceitos religiosos precediam os critérios estéticos. Menosprezando uma época que se havia inspirado totalmente no ensinamento da Igreja, o que no fundo pretendiam era desqualificar a Igreja Católica³ (Sáenz, 2020, p. 25).

¹ Dentro da História, pertencente à própria história (N. do T.).

² O Renascimento foi um movimento cultural, artístico e científico que ocorreu na Europa entre os séculos XIV e XVII, que culminou em uma nova visão de mundo antropocêntrica baseada na razão, na ciência e na arte em contraposição ao teocentrismo, coletivismo e tradição da Idade Média.

³ Cf. Daniel Rops. **La Iglesia de la Catedral y de la Cruzada**. Ed. Luis de Caralt. Barcelona, 1956, p. 11.

Assim sendo, tal preconceito se estabeleceu no senso comum acerca da Idade Média, notadamente nos livros e manuais de História, propagando-se de maneira deliberada até os dias atuais e consolidando-se especialmente no pensamento da maioria do universo acadêmico. De acordo com Woods Jr. (2008), a expressão “Idade das Trevas” chegou a ser aplicada a todo o milênio que transcorreu entre o fim da Antiguidade e o início do Renascimento.

Por sua vez, para além desse preconceito — e por que não dizer marginalização do período medieval — Sáenz (2020) afirma que a expressão “Cristandade” tem sua história e aparece a primeira vez, no sentido que hoje lhe damos, no final do século IX, quando o Papa João VIII, entre perigos cada vez mais graves e urgentes, apelou à consciência comunitária que deveria caracterizar os cristãos:

[...] Assim, a Cristandade corresponde a um conjunto de povos que se propõem a viver formalmente de acordo com as leis do Evangelho cuja depositária é a Igreja. Ou, em outras palavras, quando as Nações, em sua vida interna e em suas mútuas relações, conformam-se com a Doutrina do Evangelho, ensinada pelo Magistério, na economia, na política, na moral, na arte, na legislação, tivemos um concerto de povos cristãos, ou seja, uma Cristandade” (Sáenz, 2020, p. 30).

Nesse contexto, o autor apresenta quatro aspectos que caracterizam a Cristandade da Idade Média e a distinguem de outros períodos da história: a centralidade da fé, o predomínio do símbolo, a sociedade arquitetônica e a época juvenil. O quadro abaixo apresenta uma síntese desses quatro aspectos:

Quadro 1 – Aspectos da cristandade da idade média

Aspecto	Características
Centralidade da fé	<ul style="list-style-type: none">• Integrar todos os grupos da sociedade na unidade de uma só fé.• O que acreditava o aldeão, o mendigo e até o criminoso, era o que acreditava o Imperador e o Papa.• A fé era o centro de tudo. A fé constituía o embasamento da atividade intelectual, da filosofia, da arte, bem como a organização política e social desse período.
Predomínio do símbolo	<ul style="list-style-type: none">• Uma civilização essencialmente litúrgica, no sentido lato do termo, uma civilização do gesto e do símbolo.• Uma sociedade que estabelecia um diálogo fecundo entre mistério e a razão.
Sociedade Arquitetônica	<ul style="list-style-type: none">• A crença de que o mundo é um cosmos, um conjunto ordenado com base em um plano, um todo que se move serenamente segundo leis e ordenações eternas, as quais, nascidas do primeiro princípio que é Deus, têm também em Deus seu fim.
Época juvenil	<ul style="list-style-type: none">• Uma época de exuberância. Uma época aventureira, que queria gozar a vida; seus homens sabiam divertir-se, brincar e sonhar.• O homem medieval era capaz de se deleitar ancorado na esperança. Sabia que se o pecado poderia condená-lo, a Redenção o salvava.• Foi a época do florescer da santidade, com santos como São Bernardo, São Francisco, São Domingos, Santo Anselmo, São Boaventura e Santo Tomás de Aquino.

Fonte: Sáenz, 2020.

O autor afirma, ainda, que a sociedade medieval estava ancorada na fé teocêntrica, pois se apropriou do ensinamento de Santo Agostinho⁴ sobre o que deve ser uma cidade católica, fundada no primado de Deus sobre tudo o que é

⁴ A ética agostiniana, desenvolvida por Santo Agostinho (354-430 d.C.) é profundamente teocêntrica, colocando Deus no centro de todas as considerações morais e éticas. Seus principais fundamentos filosóficos e teológicos são: o amor a Deus acima de todas as coisas; a ordenação dos amores, tendo Deus como sendo o objeto mais alto de amor; Livre Arbítrio e Graça, aonde sem a graça de Deus, o livre arbítrio humano é insuficiente para alcançar a verdadeira virtude; Bem e Mal, sendo que o mal não é uma substância, mas uma privação do bem e as Virtudes Cristãs aonde Agostinho destacou as virtudes cristãs, como a fé, a esperança e a caridade, como essenciais para uma vida ética. Essas virtudes são vistas como dons de Deus que ajudam os seres humanos.

terreno. Assim, o fim último da existência, a contemplação de Deus depois da morte e a visão beatífica eram, para a sociedade do Medievo, superior à própria história.

Isso posto, entendemos que a Civilização da Cristandade, embebida, inebriada da centralidade da fé no seu cotidiano, vivia conforme o que diz o Apóstolo São Paulo “até que alcancemos todos nós a unidade da fé e do pleno conhecimento do Filho de Deus, o estado de Homem Perfeito, à medida da estatura da plenitude de Cristo” (Ef 4,13).

2.2 O antropocentrismo e a cosmovisão do mundo moderno

No presente tópico buscaremos discorrer sobre alguns fenômenos históricos que se apresentaram como fatores fundantes e determinantes do processo de deterioração da chamada Cultura da Cristandade, cultura essa que havia forjado a civilização até então, desenvolvendo-se ao longo de pelo menos 10 séculos, contados a partir do século V, tendo no século XV o seu auge, como aponta Sáenz (2020). Todavia, a partir do século XVI, inicia-se um gradual desenvolvimento de fenômenos que culminam na crise de fé, característica da cosmovisão do mundo moderno.

Conforme expresso por Franca (2019), uma das primeiras tendências ou fenômenos históricos que despontam no século XVI para a decomposição dos fundamentos espirituais da civilização ocidental, e, por assim dizer, da Cultura da Cristandade, é a ruptura protestante, a qual tenta separar Cristo da sua Igreja e proclamar a soberania do senso individual, iniciando, no dizer do autor, a obra funesta da desagregação religiosa do Ocidente.

Ainda segundo Franca (2019), este é o lado negativo deste momento histórico. Por outro lado, as novas concepções filosóficas que estavam surgindo tendiam a dissociar o mundo do pensamento do mundo da realidade. Além disso, elas davam uma excessiva importância aos valores afetivos na vida psicológica, em detrimento dos valores intelectuais. Isto posto, afirma o autor:

Germes de idealismo que cavam um fosso intransponível entre a inteligência e o ser; germes de subjetivismo que depois de encerrar o pensamento no círculo de uma imanência absoluta, fechada ao conhecimento de qualquer realidade transcendente, confia a direção da vida espiritual às surpresas inverificáveis do sentimento e do instinto. Desorganização do mundo interior, paralela à dissolução das estruturas sociais. Primeiras manifestações de uma dupla anarquia que irá agravando, com os séculos, as suas devastações dolorosas (Franca, 2019, p. 85).

Por sua vez, Hicks (2021) afirma que o medievalismo, que exerceu domínio sobre o Ocidente por cerca de mil anos — desde aproximadamente 400 d.C. até 1400 d.C. — passou por um período de transição que se estendeu por séculos. Durante esse período, os pensadores do Renascimento, com a ajuda involuntária das principais figuras da Reforma, desafiaram e enfraqueceram a visão de mundo medieval, abrindo caminho para os revolucionários dos séculos XVII e XVIII. Segundo o autor, no século XVIII, a filosofia pré-moderna da era medieval foi intelectualmente aniquilada, e os filósofos da época foram rápidos em transformar a sociedade com base na nova filosofia moderna.

Nessa perspectiva, o autor explica que, na filosofia, os fundamentos do modernismo residiam nas figuras formativas de Francis Bacon (1561-1626) e René Descartes (1596-1650), por sua influência na epistemologia; e, de forma mais abrangente, em John Locke (1632-1704), por sua influência sobre todos os

aspectos da filosofia. Destarte, ele afirma que os pensadores modernos partem da natureza, e não de algum elemento sobrenatural, que foi o ponto de partida característico da filosofia medieval, pré-moderna.

Dessa forma, os pensadores contemporâneos afirmam que a percepção e a razão constituem os meios pelos quais o ser humano explora o mundo natural. Essa perspectiva difere da confiança anterior, que repousava na tradição, na fé e nos mistérios. Destacam, portanto, a autonomia e a capacidade do ser humano de formar o próprio caráter — em contraste com a ênfase pré-moderna na dependência e no pecado original. Enfatizando o indivíduo, o veem como a unidade da realidade, sustentando que a mente individual é soberana e que o indivíduo é a unidade de valor, em contraste com a subordinação feudal pré-moderna do indivíduo a realidades e autoridades superiores — políticas, sociais ou religiosas (Hicks, 2021).

Nas palavras de Franca (2019), a partir das seitas protestantes, nasce outro fenômeno histórico, a saber, o movimento racionalista, que, durante o século XVIII, alastrou-se largamente pela Inglaterra, França e Alemanha, sob as várias designações do deísmo⁵, filosofismo⁶ e iluminismo⁷. Para tanto, a convergência dessas diversas correntes de pensamento tinha como objetivo desvalorizar a antiguidade cristã, lançando desdém sobre os ‘tempos sombrios’ da Idade Média

⁵ Corrente filosófica e religiosa que surgiu no século XVII. Os deístas acreditam na existência de um Deus criador que, após criar o universo, não interfere mais nos assuntos humanos ou naturais.

⁶ O filosofismo, também conhecido como racionalismo filosófico, é uma abordagem que enfatiza o uso da razão e da lógica como as principais ferramentas para adquirir conhecimento. Surgido durante o Iluminismo, o filosofismo rejeita a autoridade tradicional e a superstição, promovendo a investigação científica e o pensamento crítico.

⁷ Movimento intelectual e cultural do século XVIII que enfatizou a razão, a ciência e a liberdade como os principais meios para alcançar o progresso humano. Os iluministas defendiam a separação entre Igreja e Estado, a liberdade de expressão, a igualdade perante a lei e a educação universal.

e enaltecendo a época contemporânea como a Era das Luzes definitivas, diz Franca (2019).

Por conseguinte, afirma Franca (2019, p. 103), “[...] por toda a parte, o século XVII, numa apreciação tão enganosa do próprio valor, apresenta-se como uma nova era – era de luzes e de glórias – para a humanidade”. Dito isto, é relevante citar o que diz ainda o autor: “Inaugura-se assim ruidosamente a luta aberta contra o cristianismo, numa civilização cujas bases espirituais haviam sido lançadas e cimentadas na renovação interior das almas iluminadas pelo Evangelho (Franca, 2019, p. 108).

Assim sendo, conforme Pinheiro (2021), desde os seus marcos inaugurais do Renascimento e da Reforma, a modernidade se caracteriza por ser um período histórico de crise da cultura, de ruptura e transformação, que a insere na tensão da ambiguidade entre o progresso e a decadência, da qual seus dois movimentos culturais principais — o iluminismo e o romantismo — são prova característica. Também, do ponto de vista filosófico, a crise da cultura se manifesta, sobretudo, com o niilismo, com a negação radical do fundamento último da realidade, o princípio que estrutura toda a arquitetura do ser, diz o autor. Afirma ainda:

Mas dificilmente se pode negar que o tema da “morte de Deus” em Nietzsche é um marco para filosofar sobre a crise da cultura. Por isso, o fenômeno da “morte de Deus”, que não se reduz apenas à secularização da sociedade, à perda da fé, à neutralização da formação religiosa e à progressiva diminuição da força normativa da religião na vida moral e social, significa sobretudo a crise da metafísica (Pinheiro, 2021, p. 119).

Nessa perspectiva, o Papa Pio X (1907) descreve que, nestes tempos recentes, o contingente de opositores à Cruz de Cristo cresceu de forma significativa. Esses indivíduos, habilidosos em suas artimanhas, empenham-se em

minar a vitalidade da Igreja e, se tivessem a oportunidade, abalariam os próprios fundamentos do reino de Jesus Cristo. Assim, segundo o Papa Pio X (1907), a doutrina dos modernistas é o resumo de todas as heresias, sendo, portanto, uma heresia antropocêntrica. Assim sendo, na Encíclica *Pascendi Dominici Gregis*, o Papa Pio X expõe que o modernismo é um erro religioso, e sua raiz profunda é uma filosofia falsa, baseada no agnosticismo, corrente filosófica que consiste em que só podemos conhecer as coisas aparentes, perceptíveis aos nossos sentidos, ou seja, nossa razão não pode conhecer nada para além disso, não pode estar certa de uma verdade que ultrapassa o domínio dos sentidos, não pode possuir certeza intelectual. Por conseguinte, a inteligência é incapaz de compreender qualquer coisa sobre Deus, incluindo sua existência: Deus é incognoscível. Ela também não pode entender uma possível revelação divina ou os fundamentos da fé. O modernismo, portanto, instaurou dentro da Igreja uma espécie de anti-intelectualismo que conduziu a um relativismo da fé, aonde dogmas, sacramentos, sagrada escritura, tudo provém de uma construção progressiva a partir de uma experiência pessoal, sendo o Magistério da Igreja um mero interprete de um movimento cujos resultados o fiel, o crente recolhe.

Para tanto, segundo Hicks (2021), o liberalismo surgiu como uma das expressões desse antropocentrismo, sendo uma das características fundantes do mundo moderno. Segundo o autor, o liberalismo político e econômico fundamenta-se na crença de que os indivíduos têm a capacidade de governar suas próprias vidas. Essa confiança no homem está intrinsecamente ligada à fé no poder da razão. Através da razão, eles podem explorar o mundo, planejar suas trajetórias e interagir socialmente como seres racionais. O comércio, o debate e a

força do argumento são os pilares pelos quais os indivíduos exercem essa confiança e moldam o curso de suas existências.

Para tanto, Sardá Y Salvany argumenta:

O liberalismo prático é um mundo completo de máximas, modas, artes, literatura, diplomacia, leis, maquinações e atropelamentos completamente seus. É o mundo de Lusbel, hoje disfarçado com aquele nome, e em radical oposição e luta com a sociedade dos filhos de Deus, que é a Igreja de Jesus Cristo. Eis aqui retratado como doutrina e prática o liberalismo (Sardá y Salvany, 2022, p. 29).

Por sua vez, o Papa Pio XI (2022) aponta para outro fato histórico e determinante deste período: o perigo ameaçador do comunismo, denominado bolchevista e ateu, que propôs, como fim peculiar, revolucionar radicalmente a ordem social e subverter os fundamentos próprios da civilização cristã. Neste ponto de vista, o Papa afirma que, diante dessa ameaça, não se calou a Sé Apostólica, considerando ter por missão peculiar defender a verdade, a justiça e todos os bens imortais que o comunismo despreza e impugna. E, para tanto, diz:

Já desde os tempos em que certas classes de eruditos pretenderam libertar a civilização da cultura humanística dos laços da religião e da moral, os Nossos Predecessores julgaram que era seu dever chamar atenção ao mundo, em termos bem explícitos, para as consequências da descristianização da sociedade humana. E pelo que diz respeito aos erros dos comunistas, já em 1846, o nosso Predecessor de feliz memória, Pio IX, os condenou solenemente, e confirmou depois essa condenação no Sílabo. São estas as palavras que emprega na Encíclica *Qui Pluribus*: “Para aqui (tende) essa doutrina nefanda do chamado comunismo, sumamente contrária ao direito natural, a qual, uma vez admitida, levaria à subversão radical dos direitos, das coisas, das propriedades de todos e da própria sociedade humana”⁸ (Pio XI, 2022, p. 236).

⁸ Enciclica *Qui pluribus*, 9 de novembro de 1846: Acta Pii IX, v. 1, p. 13. Cf. Sílabo, IV: A.A.S., v. 3, p. 170.

Ainda segundo o Papa Pio XI (2022), efetivamente, o comunismo, por sua natureza, opõe-se a qualquer religião, considerada como “ópio do povo”, porque os seus dogmas e preceitos, pregando a vida eterna depois desta vida mortal, apartam os homens da realização daquele futuro paraíso, que são obrigados a conseguir na terra.

Também é relevante frisar que, corroborando com esse pensamento, destaca-se o fato histórico de que pelo menos mais seis Papas publicaram documentos ou emitiram pronunciamentos condenando a ideologia marxista/comunista, ressaltando sua característica de ateísmo e materialismo, a saber: Papa Pio IX, Papa Leão XIII, Papa Bento XV, Papa Pio XII, Papa João Paulo II, Papa Bento XVI.

Assim, Franca (2019) afirma que o comunismo prestou ao ateísmo um serviço definitivo, tendo em vista que do ateísmo nasceu o comunismo e, para tanto, a ideologia econômico-social do marxismo ofereceu à luta antirreligiosa, que constituía o ponto central no programa dos jovens hegelianos, o auxílio de uma doutrina de ação e de transformação da sociedade, constituindo-se no passo para o ateísmo militante. Por este ângulo, afirma Franca:

Assim o esforço para explicar em termos de filosofia a ilusão religiosa de Feuerbach, resolve-se, em termos de ação, no combate pregado por Marx a toda e qualquer manifestação humana de uma atitude religiosa. O ateu especulativo deu um passo adiante e transformou-se em ateu militante. A luta contra Deus é a condição primeira da reintegração do homem em si mesmo. “A crítica da religião desengana o homem para que ele pense, atenua, afeiçoe a sua realidade como um homem desenganado que atingiu a razão e para que se mova em torno de si mesmo, isto é, em torno do seu verdadeiro sol”⁹. A crítica da religião leva a esta doutrina: o homem

⁹ Karl Marx. **Contribution à la critique de la Philosophie du Droit de Hegel**. Etudes Philosophiques, f. I, p. 85.

é, para o homem, o ser supremo”¹⁰. Depois daquele ateísmo estava aplainado o caminho para esta antropolatria (Franca, 2019, p. 145).

Sanahuja (2017) afirma que o Papa João Paulo II, na exortação pós-sinodal *Ecclesia in Europa*, denunciou a apostasia silenciosa na Europa, que hoje universalizou-se, fazendo prevalecer uma antropologia sem Deus e sem Cristo. Diz São João Paulo II:

Esta forma de pensar levou a considerar o homem como o centro absoluto da realidade, fazendo-lhe assim ocupar equivocadamente o lugar de Deus, esquecendo-se de que não é o homem quem faz a Deus, senão Deus que faz o homem. O esquecimento de Deus conduziu ao abandono do homem, em virtude do qual abriu-se um amplíssimo campo para o livre desenvolvimento do niilismo, na filosofia; do relativismo na gnosiologia e na moral; do pragmatismo e do hedonismo cínico, na existência diária. A cultura europeia dá a impressão de ser uma apostasia silenciosa por parte de um homem autossuficiente que vive como se Deus não existisse¹¹ (2003, apud Sanajuha, 2017, p. 165).

Por sua vez o Papa Bento XVI (2012) declara que hoje aumenta ao nosso redor um certo deserto espiritual, quando por vezes a partir dos acontecimentos observados no mundo todos os dias e do avanço da ciência e dos êxitos das técnicas, formou-se uma cultura que se se move em direção das coisas, do materialismo, daquilo que se poder ver e tocar unicamente. Enquanto isso, por fim, o Papa Francisco (2013) destaca que continuam a ser de alarmante atualidade as duas heresias que surgiram nos primeiros séculos do cristianismo, a saber, o pelagianismo e o gnosticismo, que faz com que hoje os corações de muitos cristãos, deixam-se seduzir por estas propostas enganadoras. Gera-se, portanto

¹⁰ Ibid., p. 96.

¹¹ João Paulo II. **Exortação Apostólica pós-sinodal *Ecclesia in Europa***. 28 jun. 2003, n. 9.

no dizer do Papa, um mundanismo espiritual que se alimenta dessas duas perspectivas heréticas que se concretiza numa fé fechada no subjetivismo, um neognosticismo, e numa confiança exacerbada nas suas próprias forças de um ser que se sente superior ao outro, um neopelagianismo, que no final das contas se manifesta em um imanentismo antropocêntrico.

3 Considerações finais

Este artigo procurou apresentar, a partir de uma abordagem teórica, uma contextualização histórica, a partir da chamada Cristandade ou Idade Média, sobre os principais aspectos que permearam e conduziram a humanidade a esse estado cultural tão alarmante de crise de fé e de anticristianismo na Era Moderna, partindo não só da apresentação pura e simples desses aspectos, mas, sobretudo, provocando uma reflexão acerca das consequências que essa realidade histórica tem gerado no contexto da cosmovisão do mundo moderno.

Evidencia-se, a partir do exposto pelos autores, que a Idade Média — a chamada época da Cristandade — se constituiu em um período histórico de grande exuberância enquanto fator de desenvolvimento da fé cristã e sua contribuição decisiva para forjar a Cultura da Civilização Ocidental. Dessa forma, observa-se que a Idade Média floresceu e se desenvolveu para uma Cultura cristã que tinha como base o sentido da vida, por meio da centralidade da fé, numa perspectiva teocêntrica e cristocêntrica.

Para tanto, o homem do Medievo tinha a clarividência de que tudo ao seu redor existia em vista de um olhar transcendente, sobrenatural. Por conseguinte, seu modo de pensar, de agir, de ser, era indubitavelmente enraizado, vinculado

às coisas do Alto, do divino, do Sumo Bem. Por outro lado, o homem da modernidade “matou” a Deus, vivendo como se o Sumo Bem não existisse, ao sabor das ondas ideológicas do Mal que dominam todas as esferas da Cultura e que forjam a Civilização Hodierna.

Conclui-se, portanto, pelos fenômenos históricos apresentados, que o mundo moderno decidiu viver sem o senhorio do Criador, colocando-se no senhorio da Razão, do “Deus Homem” e fiando-se no materialismo, ateísmo, relativismo, coletivismo, individualismo. Enfim, banindo, do seu dia a dia, os valores cristãos.

Referências

A SANTIDADE da Família: encíclicas, exortações apostólicas e orientações magisteriais sobre o matrimônio e o lar cristão. Campinas, SP: Ecclesiae, 2023.

A VOZ dos papas contra o comunismo: Papa Pio IX; Papa Leão XII; Papa Bento XV; Papa Pio XI; Papa Pio XII. Rio de Janeiro: Caritatem, 2022.

BENTO XVI. Papa. Audiência Geral, Sala Paulo VI, 21 nov. 2012. Disponível em: https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/audiences/2012/documents/hf_ben-xvi_aud_20121121.html. Acesso em: 08 out. 2024.

BÍBLIA de Jerusalém. 3. ed. São Paulo: Paulus, 2002.

FRANCA, Leonel. **A crise do mundo moderno**. Campinas, SP: Ecclesiae, 2019.

FRANCISCO. Papa. **Evangelii Gaudium**: exortação apostólica. Cidade do Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 2013. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/apost_exhortations/documents/pa-pa-francesco_esortazione-ap_20131124_evangelii-gaudium.html. Acesso em: 08 out. 2024.

HICKS, Stephen R. C. **Guerra cultural**: como o pós-modernismo criou a narrativa de desconstrução do Ocidente. Barueri, SP: Faro Editorial, 2021.

JOÃO PAULO II. **Carta às famílias Grattissimam sane**. Campinas, SP: Ecclesiae, 2023.

PINHEIRO, Victor Sales. **A crise da cultura e a ordem do amor**: ensaios filosóficos. São Paulo: É Realizações, 2021.

PIO X. **Carta enciclica pascendi dominici gregis sobre as doutrinas modernistas**. São Caetano do Sul, SP: Santa Cruz, 2022.

RATZINGER, Joseph. **Homilia Pro Eligendo Romano Pontifice**. Vaticano 2005. Disponível em: https://www.vatican.va/gpII/documents/homily-pro-eligendo-pontifice_20050418_po.html. Acesso em: 13 jan. 2024.

SÁENZ, Alfredo. **A cristandade e sua cosmovisão**. Rio de Janeiro: CDB, 2020.

SANHUJA, Juan Claudio. **Poder global e religião universal II**. São José dos Campo, SP: Katechesis, 2017.

SARAH, Robert. **Deus ou nada**: entrevista sobre a fé. Belenzinho, SP: Fons Sapientiae, 2016.

SARDÁ Y SALVANI, Félix. **O liberalismo é pecado**. Curitiba, PR: Instituto Santo Atanásio, 2022.